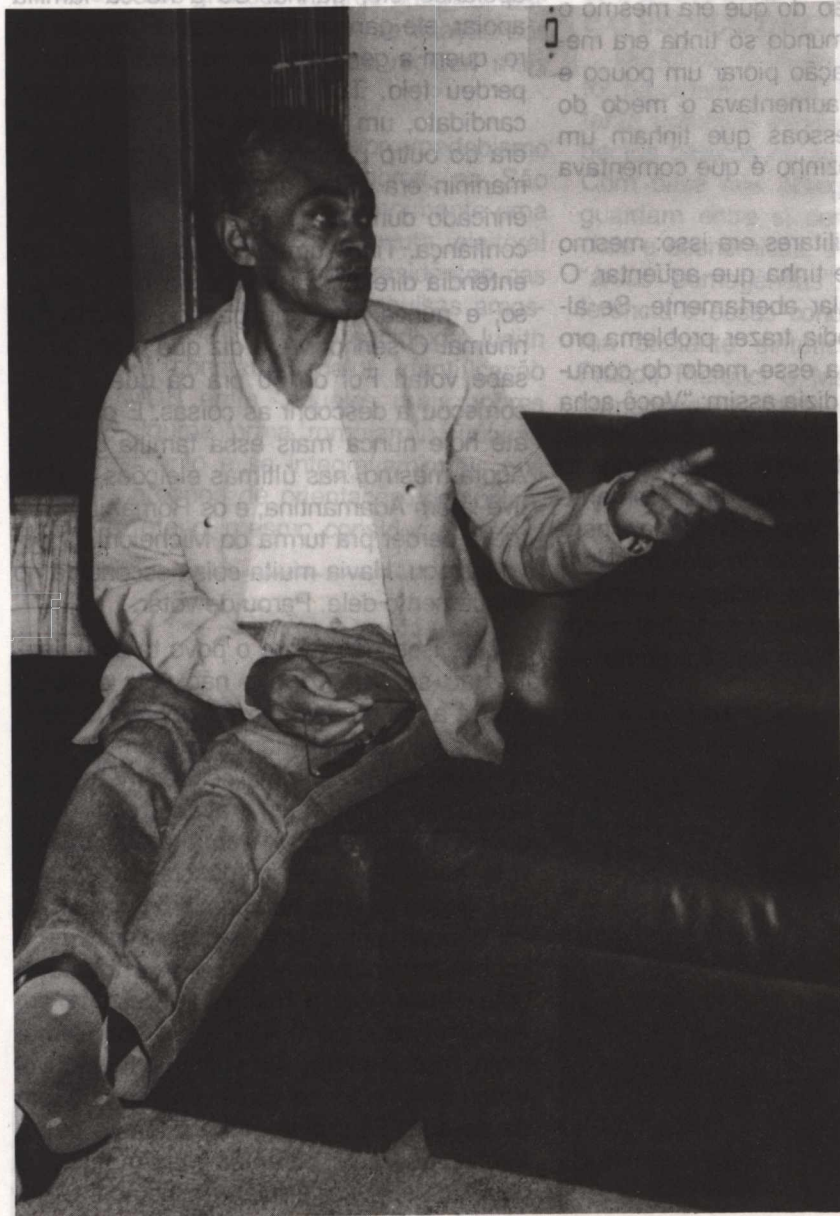


Voto consciente: uma arma do trabalhador

(Depoimento de José Benedito da Silva, 54 anos, metalúrgico,
alagoano, casado, nove filhos, morador da Vila Industrial, Zona
Leste, São Paulo, SP)

Foto: Arquivo CEM



A gente morava numa fazenda, em Viçosa, Estado de Alagoas. Negócio de eleição era o seguinte: o fazendeiro chegava e dizia: "Vocês têm que votar em fulano de tal!" Ai pronto, não existia ninguém contra. Eleição era que nem uma festa. Vinha gente de todo lado. Mas era tudo pelo mesmo candidato. Não havia o contra. O fazendeiro dizia e o povo votava. "O candidato é fulano." E pronto! Não havia mais discussão. Ninguém tinha conhecimento nenhum. Até hoje a gente percebe que tem muita gente que não quer tomar conhecimento disso. Fica no seu canto bem sossegado, esperando que alguém decida em quem votar.

Naquela época, eu era um molecão. O senhor vê, vim de lá com 18 anos, em maio de 1952. Lá eu nunca votei. Mas eu sei que era o fazendeiro quem decidia tudo. O candidato era sempre do fazendeiro. A gente muita vez nem sabia quem era o cara, nem via ele. Pouca gente ficava conhecendo. O povo votava no rumo do fazendeiro. É como digo, ninguém tinha conhecimento dessas coisas.

Aí, em 1952, viemo embora pra São Paulo. Não pra capital. Aqui a gente só passou. Fomos direto para uma cidade do interior, Adamantina. Viemo porque lá a situação era muito difícil. E piorava cada vez mais. O jeito era vir simhora mesmo. Lá sim, já tinha aqueles pessoas mais ligadas em negócio de eleição. Tinha os partidos. O povo discutia, eu lembro. Lembro bem do tempo do Getúlio Vargas, da morte dele! Então aí, muita gente tinha partido. Eu não! Tinha 20 anos, mas não era muito ligado nisso aí. Quando eu fui me ligar em eleição já foi no tempo que vim aqui pra São Paulo, pra capital.

Uma coisa não esqueci: o povo lá votou muito no Jânio Quadros. Eu mesmo nem me lembro se votei no Jânio. Mas acho que sim, porque todo mundo votou nele. Meus parentes, todo mundo era Jânio. Mas a gente não discutia muito a política. Todo mundo ia prum lado só. Não havia o contra. Era só um lado, era só votar e pronto! Nessa época foi tudo Jânio. Eu lembro.

Depois, em 1964, entrou os militares. Isso o senhor sabe melhor que eu! O povo lá comentava: uns achava que tava bom, outros achava que não. Mas a gente falava muito pouco. A preocupação do povo era trabalhar. Eu mesmo tocava lavoura branca: plantava algodão, amendoim. Tinha parente que tocava café. O povo não tava nem aí com a política. Ninguém comentava. E depois, o povo tinha medo. A gente até ouvia as pessoas dizer: "Isso não pode falar, aquilo também não pode!" Então o povo parece que aceitava, ficava no seu canto quieto.

E tinha a história do comunismo. Se falava muito disso, todo mundo falava. Era uma coisa triste, perigosa: "Deus o livre que a gente chegue a esse tempo", o povo dizia. Eu lembro que eu mesmo tinha até medo desse tal de comunismo. Ninguém dava uma explicação do que era mesmo o comunismo. Todo mundo só tinha era medo. Bastava a situação piorar um pouco e pronto, o povo já aumentava o medo do comunismo. As pessoas que tinham um certo conhecimentozinho é que comentava sobre isso aí.

No tempo dos militares era isso: mesmo tando ruim, a gente tinha que agüentar. O cabra não podia falar abertamente. Se alguém escutasse podia trazer problema pro sujeito. Porque tinha esse medo do comunismo. Muita gente dizia assim: "Você acha que a situação tá ruim? Pior é se vier o comunismo!" A gente tinha que ficar quieto e se contentar. Tinha que ficar contente sem estar, não é? Nessa época eu nem lembro direito os tempos de eleição. Nem sei quantas vezes votei. Inclusive tenho aí meu título, mas não sei ao certo pra quem que a gente votava. Nem sei se a gente vo-

tava pra prefeito, senador, deputado, vereador... Sei lá! Era tempo de votar? Então vamo lá, e pronto! A gente votava pra qualquer um, o primeiro que aparecia na frente. A gente não ligava pro assunto. Votar era uma coisa sem sentido. Pra mim sempre foi assim. Qualquer um que entrasse lá era a mesma coisa. Até hoje muita gente pensa assim. A gente nem sabia como reclamar, como chegar nos home, ninguém ligava. A não ser os senhores fulano e tal, lá deles, do mesmo nível. Mas pra nós, os peão, tudo era igual!

A gente começou mais ou menos a ficar envolvido foi no ano de 1970. Pelo seguinte: tinha o prefeito, que era da família dos Romaninin. Ele era da Arena. Aí ele pegou e apoiou um cara lá que o pessoal não gostava. E ainda por cima disse: "A gente apoiando ele, ganha. Se a nossa família apoiar, ele ganha. Até que seja um cachorro, quem a gente apoiar, ganha!" Foi aí que perdeu feio. Todo mundo votou no outro candidato, um tal de Hélio Micheloni, que era do outro partido, o MDB. A família Romaninin era muito antiga na região. Tinha enricado dum jeito que o povo botava desconfiança. Tinha umas coisas que ninguém entendia direito... O povo descobriu tudo isso, e nunca mais ele ganhou eleição nenhuma. O senhor vê, e diz que o povo não sabe votar! Foi de 70 pra cá que o povo começou a descobrir as coisas. E olha que até hoje nunca mais essa família ganhou. Agora mesmo, nas últimas eleições, eu estive lá em Adamantina, e os Romaninin voltou a perder pra turma do Micheloni. O povo cismou. Havia muita coisa escondida no enriquecimento dele. Parou de votar.

Mas isso não é que o povo tá consciente, não senhor! O povo não vota naquele que tá a fim de defender os pobres. O povo vota é pelo conhecimento que tem do fulano. Nunca o povo toma conhecimento que fazendeiro o que quer é acabar com o pequeno. Nunca o povo toma essa ciência, vota mesmo é pela influência. Eles acha que ganha o voto votando pro fulano que vai ganhar. Então vota sempre conforme o conhecimento. Não vota com um objetivo, uma causa. Agora mesmo, vi isso lá em Adamantina: o povo não votou nos Romaninin, mas também não votou com objetivo. Votou mesmo foi no conhecimento que tem da pessoa. Eles olha muito o tempo que a família tá lá, os parentes mais antigo os compadres, quem é fulano e sicrano! O povo vai atrás disso, da influência e do co-

Foto: Arquivo CEM

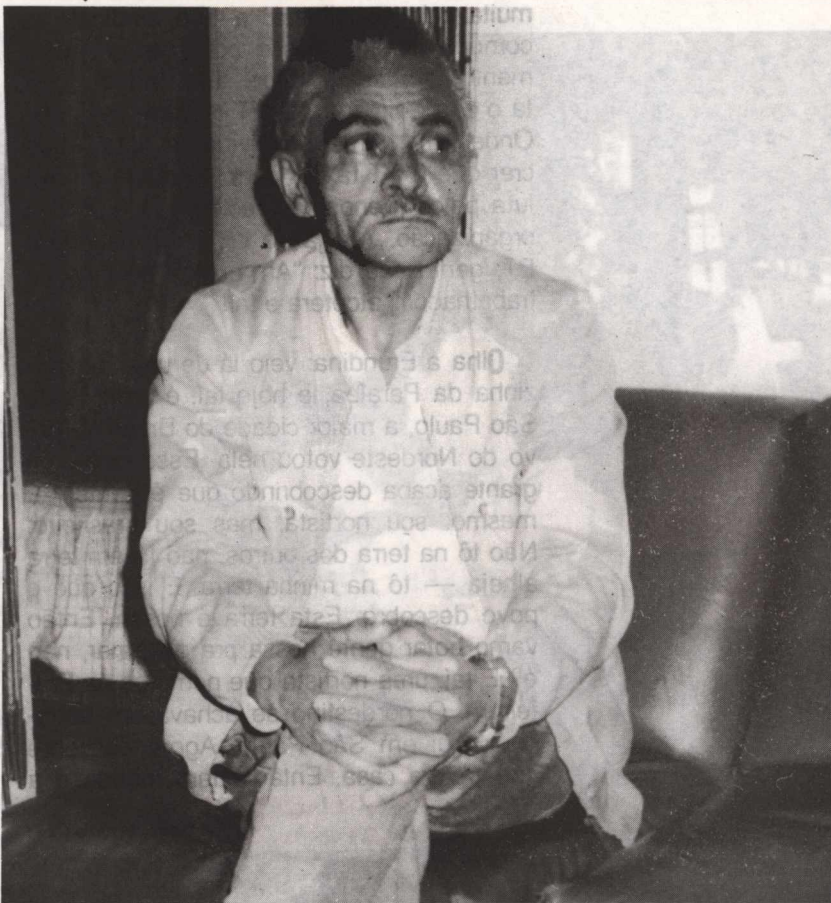


nhecimento. E também do dinheiro. É o fazendeiro. Se o fulano faz um favor, pronto! É nele que o povo vota. O peão nem calcula que o fazendeiro faz favor só pra depois se aproveitar. Ninguém olha isso. Só vê mesmo o favor. Ainda tem pobre que acha que o rico faz favor. Eu acho que não, rico não faz favor. O que faz é por interesse. Ele é bonzinho porque tá dando busca numa coisa que ele não fala pra gente, uma coisa escondida lá dele. Isso eu aprendi. Aprendi com o nascimento do PT. O senhor vê, depois de 46 anos de idade é que a gente aprendeu isso: que rico não faz favor, só pensa no interesse dele. Principalmente favor pra pobre. Pro rico até pode ser que ele faça, lá entre eles. Mas pro pobre, isso é muito difícil, não é mesmo?

Em dezembro de 1974 vim pra São Paulo, pra capital. A situação em Adamantina também não dava pra continuar. Pobre é assim: a situação vai empurrando ele sempre pra frente. Aqui, foi aquela luta trabalhando nas fábricas. Em 76 fui em Adamantina pra votar. Mas aí, eu já era do contra. Queria votar pra desmanchar aquela tradição. Eu queria mudar, queria votar no MDB. Eu achava que tinha que tirar aquilo que já tava há muito tempo, que era sempre a mesma coisa. Tinha que partir pra outra, como se diz. Tinha que mudar. Essa coisa de querer mudar, acho que nasceu em São Paulo. Descobri que não é votando no fulano que vai ganhar que a gente vota certo. É votando naquele que a gente quer votar e pronto! O que tá aí não vai, não vai! Então vamo votar no outro. Desde essa época eu sempre fiz isso. Até que nasceu o PT. Meu voto era do contra, eu queria sempre mudar. A Arena tinha que perder, tinha que votar no MDB. A Arena era tudo o que tava aí. A gente tava cansado desse povo antigo que não trazia vantagem pra ninguém. Tinha que mudar. No meu modo de entender, naquela época eu fiz um voto de oposição. O MDB era um partido mais novo que o outro, a Arena. E dizia que ia mudar. Então o povo partiu pra isso aí. Pra ver se era mesmo isso que eles falava. O povo tava cansado do que era velho.

Bom, depois nasceu o PT. Mas antes, veio as greves, aqueles movimentos de São Bernardo, em 1978, 79 e 80. O senhor tá cansado de saber! Logo depois dessas movimentações, em 80, aí nasceu o PT. Olha, vou lhe dizer uma coisa: pra esse assunto de política, foi aí que eu nasci de no-

Foto: Arquivo CEM



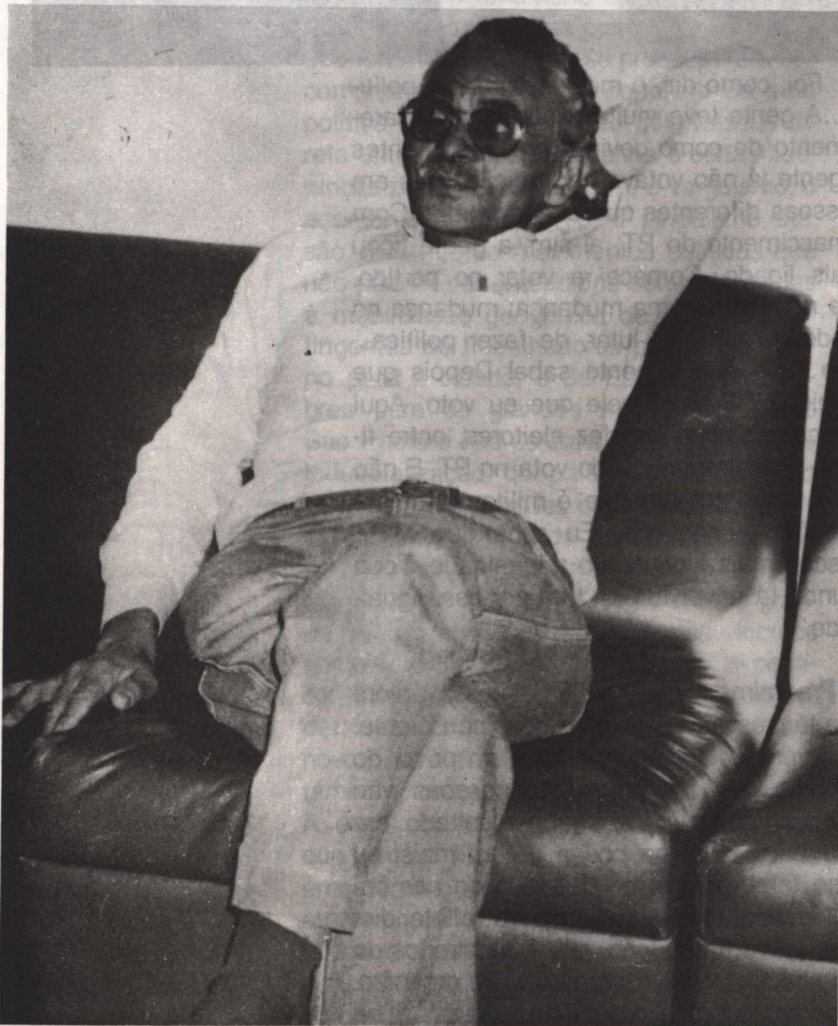
vo. Foi, como diz, o meu nascimento político. A gente teve muita explicação, esclarecimento de como devia fazer. Desde antes a gente já não votava na tradição, mas em pessoas diferentes que queria mudar. Com o nascimento do PT, aí sim, a gente ficou mais ligado. Comecei a votar no partido. Ele representa uma mudança: mudança no modo de agir, de lutar, de fazer política... isso tudo que a gente sabe! Depois que surgiu o PT, é só nele que eu voto. Aqui em casa somos em dez eleitores, entre filhos, genro e nora. Tudo vota no PT. E não é só isso, tem um que é militante, outros que faz propaganda. Eu acho que o PT nasceu mais procurando a igualdade. Todo mundo tá envolvido na luta por essa igualdade.

Pra mim, a raiz do PT — essa árvore que tá crescendo — tá no povo consciente. Isso vem de longe, das lutas do povo, do trabalho dos militantes. As pessoas vão tomando consciência e daí o resultado: em 8, 9 anos tá aí no poder. E tem mais: eu acho também que o PT tem base nas comunidades, tem raiz aí. O povo reflete, discute sobre a situação, sobre os direitos do trabalhador; o povo se ajunta, se organiza, e vai crescendo a consciência. Também na

fábrica, no sindicato tem raiz. O PT tem muita raiz espalhada: a luta sindical, as comunidades, a classe operária, os movimentos populares. E por trás de tudo isso, tá o conhecimento. O PT tá onde tem luta. Onde tem gente envolvida na luta, pode crer que o PT tá por perto. Quando o povo luta pelos menos favorecidos, tá o PT na organização. Até já se vê gente usando o PT, gente que diz: "Ah, eu tou do lado do trabalhador", etcétera e tal!

Olha a Erundina: veio lá de uma cidadezinha da Paraíba, e hoje taí, é prefeita de São Paulo, a maior cidade do Brasil. O povo do Nordeste votou nela. Esse povo migrante acaba descobrindo que é gente. Eu mesmo: sou nortista, mas sou brasileiro. Não tô na terra dos outros, não tô em terra alheia — tô na minha terra. É isso que o povo descobre. Esta terra é nossa. Então vamo botar gente nossa pra governar, não é? E taí, uma nortista que nem nós na Prefeitura. O nordestino se achava um estranho aqui em São Paulo. Agora descobre que tá em casa. Então quem manda é a

Foto: Arquivo CEM



gente. E tem muitos que quando saíram do Nordeste foi que nem sair da casca do ovo. Começaram a perceber que o coronel não era dono de ninguém. Eu mesmo foi assim. Muitos conhecido meu disse que quando chegou na boca da urna, deu um estalo e votaram no PT. Sabe o que é isso? É que não tem mais o medo do coronel botando rédea, botando freio. O cabra deixou de lado a porção de ignorância, e começou a ver que o nortista é gente, que mulher é gente, que trabalhador é gente, e que até ele mesmo é gente. Que nem eu: saí do atraso e hoje voto sempre pra mudar. O trabalhador mostrou a sua força. Mas tem muita luta ainda pela frente, lá isso tem mesmo! Muita injustiça pra limpar, pra combater.

Mais uma coisa que eu noto no assunto de migração: o migrante começou a ver o valor que tem. Não votou na Erundina porque ela é migrante. Não é isso. Votou nela porque ela é de luta. Não é porque veio do norte. Podia ser de qualquer lugar. O importante é que é de luta. Foi a luta dela que ganhou. O povo não se liga com ela porque ela nasceu no Nordeste, se liga é na força que ela tem, na defesa que faz do pobre e do fraco. É o seguinte: o povo não votou na Erundina; votou no PT, na luta, na mudança, na vontade de um coisa diferente. Também nela, mas porque ela é da luta.

Mas olha, acho que eleição é só um começo pra mudar. Depois, com as lutas é que vem o resto. É preciso muita luta, tanto de quem foi eleito como de quem votou. O principal mesmo é o povo não desistir de ir pra rua. O voto, pra quem é consciente, é uma arma. Pras pessoas sem consciência, não. Como eu fiz durante muito tempo! Mas veja este ano! A Erundina foi eleita pelo povo, pela massa, pela massa de sofredores, pela maioria. Então o voto é uma arma. A força taí, na massa. É só ela saber que é capaz, tem uma força escondidã. Taí o resultado: foi eleita uma mulher, uma trabalhadora, uma nordestina. Isso é o quê? A consciência do povo, é só querer. Quando a consciência funciona, nem dinheiro não adianta. Ninguém compra um fulano consciente. Eu, graças a Deus, mesmo nos tempos que não tinha muita consciência, nunca vendi meu voto. É isso que eu acho: o voto consciente é uma arma pro trabalhador.

(São Paulo, 10 de dezembro de 1988, por Alfredo José Gonçalves)